



ISSN 23580666

UFFS ERECHIM

GAVAGAI: REVISTA INTERDISCIPLINAR DE HUMANIDADES

GRUPO DE TRABALHO DO MESTRADO DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, CAMPUS ERECHIM

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA / DIRECCIÓN POSTAL / MAILING ADDRESS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, CAMPUS ERECHIM
GAVAGAI - REVISTA INTERDISCIPLINAR DE HUMANIDADES
AV. DOM JOÃO HOFFMANN, 313,
BAIRRO FÁTIMA, JUNTO AO SEMINÁRIO NOSSA SENHORA DE FÁTIMA
ERECHIM / RS . CEP 99700.000
FONE: (54) 3321-7050
E-MAIL: GAVAGAI@GAVAGAI.COM.BR
IMAGENS: CAPA / ARTIGOS • SÉRIE HERITAGE • MARIE HUDELOT

ISSN 23580666

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Gavagai: Revista Interdisciplinar de Humanidades/Universidade
Federal da Fronteira Sul - Campus Erechim. - Vol. 1, n. 1
(mar./abr. 2014). - Erechim: [s.n.], 2014.

Semestral

1. Periódico. 2. Interdisciplinar. 3. Ciências Humanas.
4. Humanidades. I. Universidade Federal da Fronteira Sul.
II. Título.

CDD: 300

• G A
V • A
G A I

ATILIO BUTTURI JUNIOR

EDITOR-CHEFE / EDITOR JEFE / EDITOR-IN-CHIEF

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)

EDITORES EXECUTIVOS / EDITORES EJECUTIVOS / EXECUTIVE

EDITORS

ANI CARLA MARCHESAN

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, CAMPUS

CHAPECÓ (UFFS)

CASSIO BRANCALEONE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, CAMPUS

ERECHIM (UFFS)

FÁBIO FRANCISCO FELTRIN DE SOUZA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, CAMPUS

ERECHIM (UFFS)

JERZY ANDRÉ BRZOZOWSKI

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, CAMPUS

ERECHIM (UFFS)

ROBERTO CARLOS RIBEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, CAMPUS

ERECHIM (UFFS)

ROBERTO RAFAEL DIAS DA SILVA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, CAMPUS

ERECHIM (UFFS)

• DESIGN GRÁFICO / DISEÑO / GRAPHIC DESIGN - PEDRO PAULO VENZON FILHO •
IMAGENS / IMÁGENES / IMAGES - MARIE HUDELLOT • REVISÃO/ REVISIÓN/
REVISION - ANI CARLA MARCHESAN • **ROBERTO CARLOS RIBEIRO** • CASSIO
BRANCALEONE • **ROSÂNGELA PEDRALLI** • FÁBIO FRANCISCO FELTRIN DE SOUZA •
JERZY ANDRÉ BRZOZOWSKI

CONSELHO EDITORIAL

CONSEJO EDITORIAL / EDITORIAL BOARD

• ARMANDO CHAGUACEDA - UNIVERSIDAD VERACRUZANA (MÉXICO) • **BIANCA SALAZAR GUIZZO** - **UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL (ULBRA)** • CARLA SOARES - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA (PUC-RJ) • **DANIELA MARZOLA FIALHO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)** • DÉCIO RIGATTI - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)/ UNIRITTER • **DURVAL MUNIZ ALBUQUERQUE JUNIOR - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)** • ELIANA DE BARROS MONTEIRO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO (UNIVASF) • **ELIO TRUSIAN - UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI ROMA LA SAPIENZA (ITÁLIA)** • FÁBIO LUIS LOPES DA SILVA - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC) • **FELIPE S. KARASEK - INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO CULTURAL (IDC)** • FERNANDA REBELO - UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA) • **GIZELE ZANOTTO - UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO (UPF)** • JOSÉ ALVES DE FREITAS NETO - UNIVERSIDADE DE CAMPINAS (UNICAMP) • **KANAVILLIL RAJAGOPALAN - UNIVERSIDADE DE CAMPINAS (UNICAMP)** • MARGARETH RAGO - UNIVERSIDADE DE CAMPINAS (UNICAMP) • **MARIA ANTONIA DE SOUZA - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA (UEPG)/ UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ (UTP)** • MARIA BERNADETE RAMOS FLORES - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC) • **NATÁLIA PIETRA MÉNDEZ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)** • NELSON G. GOMES - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB) • **PATRÍCIA GRACIELA DA ROCHA - UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL (UFMS)** • PATRICIA MOURA PINHO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA (UNIPAMPA) • **PAULA CORRÊA HENNING - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE (FURG)** • PEDRO DE SOUZA - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC) • **RAFAEL JOSÉ DOS SANTOS - UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL (UCS)** • RAFAEL WERNER LOPES - INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO CULTURAL (IDC) • **RAUL ANTELO - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)** • RICARDO ANDRÉ MARTINS - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE (UNICENTRO) • **ROBERTO MACHADO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)** • RODRIGO SANTOS DE OLIVEIRA - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE (FURG) • **ROSÂNGELA PEDRALLI - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)** • SUZANA G. ALBORNOZ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE (FURG) • **VIVIANE CASTRO CAMOZZATO - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL (UERGS)** •



O RAP PALESTINO DO GRUPO DAM: IDENTIDADES E ESPAÇOS DO NÃO-LUGAR

Resumo: O presente estudo foi desenvolvido focando nas perspectivas de jovens rappers palestinos, via sua produção artística, acerca dos conflitos na Palestina Histórica. O rap palestino produzido pelo grupo DAM, baseado na cidade de Lyd, atualmente território israelense, versa sobre as violências perpetradas nos espaços por onde transitam e onde vivem esses jovens, marcados por identidades múltiplas. Foram utilizadas como base para a análise as letras das músicas do grupo, bem como uma entrevista com rapper Tamer Nafar, efetuada em junho de 2013 pela autora do trabalho. Tais materiais – letras das músicas e entrevista – foram analisados sob uma perspectiva textual. Foram levantadas as temáticas mais recorrentes nas canções dos rappers, cujas letras apontam, além das hostilidades cometidas pelo Estado de Israel, que ocupa militarmente a região desde 1948, situações e problemas internos à sociedade palestina. Ao final, a análise entende que os jovens do DAM inauguram novos espaços de diálogo, partindo de sua própria existência mista como palestino-israelenses.

Palavras-chave: Palestina. Rap palestino. DAM. Identidade. Não-lugar.

FELÍCIA MARCHI BELTRAO CAMPOS

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de pesquisa sobre o trabalho do grupo de rap palestino DAM¹, composto pelos jovens árabes Tamer Nafar, Suhell Nafar e Mahmoud Jreri da cidade de Lyd, território atualmente sob administração israelense. No estudo, partiu-se da análise das letras das músicas do grupo e de uma entrevista realizada com o seu porta-voz, Tamer Nafar em 2013. De maneira ampla, o trabalho objetivou contribuir para os estudos e as compreensões acerca das situações de conflito no território da Palestina Histórica.

A proposta de abordagem do assunto é transgredir a dualidade interpretativa que tem dominado os estudos sobre a temática do conflito, em direção à construção de outros espaços de diálogo e entendimento, partindo do próprio trabalho do DAM, que pavimenta esse caminho. É propósito, também, atentando para as minuciosas observações de Edward Said acerca do “Orientalismo”, adotar um olhar menos imperialista para a questão, ou seja, na medida do possível, menos europeizado e europeizante, ao utilizar a voz desses rappers como “vozes autorizadas”, para além dos cânones catedráticos, considerando-os artistas que pintam o que vêem, o que sentem, o que interpretam do mundo, afinal, num esforço de deslocar – mesmo que milimetricamente – o eixo da discussão de uma perspectiva essencialmente europeia ou “ocidental” para uma menos imperialista.

Trabalhar com a Palestina representa, para mim, trabalhar também com outras situações extremas a que seres humanos estão submetidos todos os dias, por períodos tão extensos quanto as histórias das gerações não podem mais contar, situações de silenciamento das populações autóctones², violência e conflito. Para além da situação de horror vivida neste exato instante por dezenas de milhares de seres humanos no local em questão, creio que a situação da Palestina signifique o terror e a desgraça colaterais do desequilíbrio entre as relações humanas do mundo contemporâneo de maneira ampla, como bem observa Norbert Elias (2000).

É importante pontuar que a situação de Israel-Palestina agrega elementos eficientes discursivos e militares para seu estabelecimento e manutenção, além de nutrir um profundo esforço para dirimir e rechaçar as críticas consistentes sobre a situação. O Estado de Israel utiliza-se dos mecanismos imperialistas para dar cabo e manter sua

situação de colonizador, tendo como maior suporte a potência bélica e cultural mundial: os Estados Unidos, seus benfeitores culturais, monetários e militares. Sendo assim, em concordância com David McDonald (2006), que também trabalhou com o grupo palestino DAM, acredito que seja necessário um diálogo relacional entre história, arte e cultura, que mova “para além do dogma predominante de duas entidades nacionais discretas e homogêneas trancadas em um amargo conflito existencial onde a violência é acreditada como ‘única forma normal...ou mesmo possível de interação’” (McDONALD, 2006, p. 120).

Trabalhar com a expressão artística do rap é uma tentativa de estabelecer esse diálogo relacional sobre a temática em questão. Utilizei-me, portanto, das expressões artísticas de indivíduos sociais, incidindo, a partir da minha ótica, no prisma multifacetado da realidade³, que gera, a meu ver, outras luzes – algumas difusas, outras nem tanto – e modos de pensar a respeito das questões aqui colocadas.

Procurou observar, ainda, as relações de poder que moldam os discursos, como estuda Norbert Elias (2000) e as identidades pessoais e grupais e suas interações, como coloca Jörn Rüsen (2009) ao abordar o etnocentrismo. Este último fala que a relação assimétrica entre *eu* e o *outro*, entre *mesmidade* e *alteridade*, torna “a memória histórica controversa e aberta a conflitos, pois o reforço da identidade do grupo que irá encontrar apoio entre seus membros será negado por aqueles que estiverem além de suas fronteiras”. (RÜSEN, 2009, p. 174)

2 DAM: RETRATO DA DISSONÂNCIA

Para poder trabalhar com Rap Palestino foi necessário ir além do escasso material acerca da temática e falar com as pessoas que fazem o rap palestino existir. Acreditei não existir ninguém melhor para dar seu depoimento do que o primeiro *rapper* palestino de quem se tem conhecimento: Tamer Nafar. Palestino, da cidade de Lyd, atualmente território Israelense, Tamer é o retrato da dissonância. Sujeito da hibridização proporcionada pelos “mundos” cada vez mais interconectados dos séculos XX e XXI, Tamer é palestino, cidadão de Israel (fala perfeitamente árabe e hebraico), e se apropriou de uma cultura “originada” do outro lado do oceano, o rap, como forma de expressão humana, artística, política. Ao mesmo tempo, é um sujeito de ressonância, pois é o sujeito dos guetos, das guerras, dos expatriados e dos injustiçados, é o sujeito das ideias, o artista que cria em meio à tragédia e à dor. Também por essas várias *personas* que atribuí a Tamer, escolhi debruçar-me sobre ele e seu trabalho na esperança de que este estudo de caso mostrasse alguns caminhos.

¹ Trechos deste artigo podem ser encontrados em *Palavras em Movimento: O grupo de rap palestino DAM e os relatos de uma geração do não-lugar*, Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), Brasil, 2013. Disponível na Biblioteca Virtual da UDESC, em: <http://pergamumweb.udesc.br/dados-bu/00001a/00001a9f.pdf>

² Se é que podemos falar em “autoctonicidade”, pois aí temos o recorrente problema do mito da “origem” e sua pretensão legitimadora. Mas entendemos o termo aqui como as populações arraigadas a um espaço por várias gerações.

³ Não entraremos nas searas de questionamento do termo “realidade” neste momento, mesmo considerando essa uma discussão muito válida.

Para além do *Nakba*, a catástrofe, o trabalho do DAM instiga, incomoda, mobiliza. Analisando-o, entendemos que o grupo inaugurou novos espaços de diálogo, de entendimento. Eles, sujeitos da hibridização, despidos das roupagens nacionalistas que tendem a se opor diametralmente, constroem um espaço, via sua arte, onde propõem a mistura efetiva, o entendimento, a lucidez. As músicas do DAM pintam as imagens dos guetos, dos espaços sociais e também geográficos, cenários onde a violência, em suas diversas formas, é exercida.

3 DOCUMENTANDO UMA GERAÇÃO: AS TEMÁTICAS ABORDADAS PELOS RAPPERS DO DAM

Eu acho que estamos documentando nossa geração, politicamente, socialmente, juventude, amor, sexo, festas... estamos documentando tudo o que está acontecendo conosco.

(Tamer Nafar)⁴

Três temáticas em especial são bastante recorrentes no trabalho do grupo DAM: *Mulheres, Crianças e Autoafirmação & Gueto*, que, no limite, abordam a grande temática da *Violência*. Caberia talvez outras possibilidades de agrupamento das músicas por temáticas, visto que elas raramente tratam de um único tema, no entanto, esses três temas se destacam por sua recorrência e relevância na produção do grupo. São todos temas que revelam violências pungentes as quais estão submetidos os sujeitos envolvidos⁵. Mergulharemos brevemente neles⁶.

A temática das **mulheres** aparece nas músicas principalmente via a imagem da “Mãe” e da “mulher misteriosa” pelas quais os rappers se apaixonam. Ambas as imagens, de mãe e de possível parceira, são ligadas a sofrimento e amor, e há certa idealização da mulher virtuosa, misteriosa, ideia que pode ser um tanto quanto problemática quando se trata dos direitos femininos, pois está ligada a uma moral específica bastante recorrente nos sistemas patriarcais. A questão da mulher em algumas sociedades árabes é extremamente relevante e bastante complexa; no entanto, não aprofundaremos nessa questão aqui pelos limites do próprio artigo.

A imagem da **criança** pode ser também pensada como uma

⁴ Em entrevista concedida à autora.

⁵ Opto por neutralizar o gênero de algumas palavras com a letra “x” por convicções específicas acerca da temática de Gênero.

⁶ Os trechos das músicas aqui apresentados são traduções livres, feitas pela autora, das letras em inglês presentes no site oficial do grupo DAM. Os trechos originais em inglês e árabe podem ser encontrados em F. Campos (2013), trabalho previamente citado.

alegoria de futuro, que aparece no trabalho dos rappers como uma organização artística do porvir, em que as realizações do presente que lhes são negadas são pintadas como aspirações do futuro nas formas das crianças. Em muitas das músicas do grupo, constam vozes de crianças. Podemos relacionar a aproximação com as outras gerações à preocupação manifestada pelo grupo com essas gerações posteriores, como fica evidente na música *Ng'ayer Bukra - Change Tomorrow [Mudar o Amanhã]*. Essa música trata especificamente das futuras gerações, as crianças, e é aqui que aparece a expectativa do futuro mais fortemente. Inclusive, são crianças do gueto árabe de Lyd que cantam o refrão:

Queremos educação

Queremos melhorias

Para ter a capacidade

de mudar o amanhã

Aqui e em outras letras, a educação aparece como um meio essencial de mudança das condições futuras. Nesta música, os três rappers dirigem-se às crianças, como se conversassem com elas. Tamer Nafar começa procurando explicar, para além da história palestina de sofrimento e das dualidades e binarismo “vítima vs. opressor”, a situação em que vivem de fato. Ao que parece, ele está mais preocupado em não perpetuar a tradição de ódio, que dominou os vários lados do conflito (“se alguém pedir a você que odeie, diga não”), e no que tal conflito deverá se transformar: uma situação de igualdade. Vejamos os seus versos:

Essa é para as crianças pequenas, neste grande mundo

[...]

vocês são diferentes de nós, seus corações ainda são puros

Portanto, não deixem a nossa sujeira tocá-los

Continuem a pedir por uma vida cheia de igualdade

E se alguém lhes pedir para odiar, diga não

Eu sou a criança de hoje, a transformação de amanhã

Na música *G'areeb Fi Bladi - Stranger in My Own Country [Estranho em meu próprio país]*, o tema central dessa música a nomeia e trata do sentimento dos jovens que se sentem estranhos em seu próprio país. Eles ainda falam de seu não-lugar como palestinos renegados e israelenses excluídos:

Mas os nossos corações ainda estão batendo e nossas raízes árabes ainda são fortes

Mas ainda assim os nossos irmãos árabes estão nos chamando de traidores!!!!???

Como posso ser terrorista se vivo na minha terra natal?

Quem é o terrorista? Você é o terrorista

Você tirou tudo o que eu tinha em minha terra,

Você me matou, assim como matou meus ancestrais

Você quer que eu recorra à justiça? Para quê?

Você é um inimigo

Que é ao mesmo tempo testemunha, advogado e juiz

Me destruindo, você é o começo do meu fim

Você deseja o pior para nós

Uma minoria que acaba como uma maioria no cemitério

Outros rappers pró-Palestina, como o britânico-iraquiano Lowkey, denunciam a questão da “opressão terrorista”, aterrorizante, as ações truculentas das operações militares comandadas por Israel, consideradas por alguns como terrorismo de Estado. E novamente aqui, no trabalho desse rapper, aparece a figura da criança, como vítima última da barbaridade e do absurdo da violência.

Observando os espaços físicos onde a violência acontece, seria legítimo falarmos que o Estado de Israel se utiliza de ferramentas colonialistas e imperialistas para controlar e ocupar os territórios da Palestina Histórica. As comparações entre a moderna metrópole de Tel Aviv, construída nos moldes estadunidenses e europeus, ou os programas de alocação dos colonos israelenses em territórios palestinos, e os acampamentos de refugiados, ou mesmo os guetos árabes às margens das cidades, fazem eco às observações de Franz Fanon quando fala do colonialismo europeu no continente africano, de que o “O setor do colono é um setor construído para durar, todo de pedra e aço. É um setor de luzes e estradas pavimentadas” (FANON, 2004, p.4), enquanto que as condições de infraestrutura dos e das habitantes no setor colonizado, no caso as áreas palestinas, são problemáticas e em verdade precárias.

Podemos ainda observar nas marcas que povoam o espaço colonizado, o esforço contínuo para aniquilar as características que identificam o lugar como Palestina, como observa Arlene Clemesha (2006):

Andando pelas ruas das principais cidades palestinas, Jerusalém Leste [Oriental] (que a ONU e países do mundo, inclusive os Estados Unidos, consideram como cidade palestina, menos Israel), Belém, Ramallah, Jericó, Hebron; olhando os nomes inscritos nas placas de rua, nota-se o esforço consciente e sistemático, por parte do governo de Israel, para substituir os nomes originais de muitas cidades e inúmeras vilas, vilarejos e aldeias palestinas por nomes israelenses [...] escrito[s] em caracteres árabes! Por que não escrever o nome palestino? (CLEMESH, 2006, p. 37)

4.1 IDENTIDADE(S): BORN HERE [NASCIDO AQUI]

A música *Born Here* [Nascido aqui] talvez seja um dos mais emblemáticos exemplos de como os jovens rappers encaram sua conflitante identidade de palestino-israelenses. Contando com a participação da cantora ‘Abeer Al Zinati, a música é uma das de maior repercussão do grupo. Duas versões foram feitas: uma em hebraico e outra em árabe. Seu clipe, dirigido pelo ativista Juliano Mer-Khamis⁷, também ficou célebre.

De acordo com David McDonald, a produção da música e do videoclipe foi patrocinada pela organização israelense sem fins lucrativos Shatil, cujos representantes disseram acreditar que a “música é um meio poderoso de protesto social e que o DAM tem um talento único e particular para envolver ambas as comunidades judaica e palestina [através do Hip-Hop]” (McDONALD, 2006, p. 121).

O mais curioso das duas versões dessa música é que, de acordo com o grupo a que ela se dirige, sua letra e mensagens são completamente distintas. Na versão hebraica, a letra critica o estado israelense que “finge” haver democracia e direitos iguais aos árabes que moram dentro de Israel, que na verdade estão confinados em guetos, com péssimas condições de infraestrutura, e suas casas sujeitas à demolição constante, como colocam os rappers.

Na versão árabe, Tamer fala do silêncio de alguns e algumas árabes quanto a essa situação. Ele diz entender o mar de lágrimas em que todos se encontram, mas atenta para que não se deixem afogar nesse mesmo mar. O cantor fala também que alguns israelenses fazem mais “barulho” sobre essa questão do que os próprios palestinos e que isso deveria mudar. Nesse sentido, é importante quebrar as amarras da visão clássica engessada de que todos os israelenses, como um bloco único, são a favor da ocupação dos territórios palestinos.

5 NOVOS ESPAÇOS

A presente época será talvez acima de tudo uma época do espaço. Estamos na época da simultaneidade, estamos na época da justaposição, a época do perto e do longe, do lado-a-lado, do dispersivo. Estamos no momento, eu creio, onde nossa experiência do mundo é menos a longa vida se desenvolvendo através do que aquela da rede que conecta pontos e entrecruza seu novelo.

(Michel Foucault, *Heterotopias*, 1984)

⁷ Juliano Mer-Khamis foi um ator, escritor, diretor e ativista Palestino/Israelense, fundador do Teatro da Liberdade na cidade de Jenin. O DAM fez uma música em sua homenagem na ocasião de seu assassinato em 2011.

O estudo do trabalho dos rappers palestinos e de outros elementos que os cercam nos aponta algumas direções. Podemos perceber a existência de novos espaços, para além dos elencados nas interpretações binárias tradicionais acerca do assunto, que em geral *opõem* Israel e Palestina. São, aqueles, espaços híbridos, de encontro, estranhamento, aceitação, rejeição e mescla de culturas, mediante processo que se acredita acelerado em decorrência das novas tecnologias e meios de comunicação principalmente a partir das últimas décadas do século XX, condições que, parte de uma conjuntura ampla, permitiram o surgimento do rap palestino.

Aqueles que estão à margem da nação, que estão aquém – ou além – das definições que procuram (de)limitar e legitimar os habitantes da nação, aqueles a quem se pretende manter fora de suas fronteiras, enfim, seriam, na minha opinião, nada menos que sujeitos da lucidez. Quero dizer que, vivendo num caldeirão de identidades borbulhantes, impermanentes, que lhes são roubadas ou que deixam de existir, são esses sujeitos que, despidos da roupagem imperial dos nacionalismos, renegados de ambos os “grupos nacionais”, identificam-se antes como seres humanos e, espelhando-se no restante da humanidade (e na ideia global de direitos humanos, como coloca Featherstone [1999]), clamam por dignidade entre seus iguais.

5.1 O RAP É GLOBAL

Não podemos mais tratar do rap e do hip-hop na atualidade como correlacionados a culturas essencialmente estadunidenses. O rap se tornou uma “linguagem universal” e que, portanto, carrega semelhanças entre suas manifestações ao redor do globo. O rap tende a ser, em todas as partes do mundo onde se manifesta, uma expressão cultural de “resistência por jovens de origem étnica minoritária ao racismo, opressão e marginalização social que eles vivenciam dentro das grandes cidades” (CANNON, 1997). No entanto, sobre essa “plataforma global”, ou “sistema global de expressão” que seria o rap, as características locais são ressaltadas e enfocadas, sendo ao mesmo tempo uma música global e com raízes firmemente arraigadas. Como coloca Tricia Rose (1995, p.146), em seu livro *Black Noise*: “É música sobre ‘de onde eu venho’, e, como tal, propõe um novo tipo de universalidade”.

É como parte dessa “cultura global”, em constante fluxo de trocas relacionais, que eu percebo o grupo de rap palestino DAM.

5.2 ESPAÇOS MISTOS, IDENTIDADES PLURAIS

Estamos falando aqui de espaços mistos, híbridos, assim como

a própria existência dos sujeitos aos quais nos referimos. Xs palestinos da chamada geração de 48 (48s’), que vivem no espaço onde hoje é Israel, são considerados traidores pelos palestinos de outros territórios e, considerados cidadãos de “segunda-classe” pelos israelenses, nas palavras de Tamer Nafar (McDONALD, 2006). É esse o caso dos integrantes do DAM, indivíduos (sem denotar hermetismo na palavra, suas fronteiras são porosas) tão mistos, plurais, pintados em tantas cores, que decidem se pintar de ainda mais um matiz ao escolherem o rap e o hip-hop como forma de expressão artística. Eles enxergam o mundo e as suas misturas. Além disso, eles propõem a mistura efetiva: a criação de um estado onde palestinos e israelenses convivam.

Esse espaço misto, no entanto, e acho importante pontuar, não seria lá uma novidade para aquela terra. Em alusão à Braudel (1965), ‘o Mediterrâneo já viu isso antes’. O território da Palestina Histórica sempre abrigou diversos povos, de costumes e culturas distintas – como consta inclusive nas narrativas bíblicas do Antigo Testamento e na Torá judaica –, como coloca Edward Said (2004). O autor defende também que a “consolidação da identidade judaica ocorreu no antigo local que, como nos tempos bíblicos, era ocupado por diversas outras nações, raças, povos, agora tornados estrangeiros ou levados ao exílio, ou ambos” (SAID, 2004, p. 71).

5.3 DIÁLOGO RELACIONAL: O PAPEL DOS RAPPERS

McDonald (2006) pontua que o DAM media um diálogo relacional entre discursos nacionalistas de forma transgressora e que nenhum dos lados do “modelo de sociedade dual” descreve com precisão as suas experiências como palestino-israelenses.

Assim, pautados em sua existência híbrida, esses rappers, que se encontram num lugar entre-espacos, criam também novos espaços de diálogo e de possibilidades através de seu trabalho crítico.

Quanto à transgressão que acontece nesses novos espaços, o mais fascinante são as várias maneiras em que a música do DAM transcende as estruturas nacionalistas rígidas que dominaram as narrativas culturais tanto israelenses quanto palestinas, em performances “multi-étnicas”, como coloca ainda McDonald (2006):

Mais do que simplesmente traduzir a nuance cultural e o significado entre os públicos judeu e não-judeu, a música do DAM revela como os discursos estabelecidos de exclusivismo étnico-nacional (no caso de Israel) e a ligação direta com a terra e um certo “ethos camponês” (no caso da Palestina) são ambos traídos pela heterogeneidade social e novas formas de performance, mídia e comunicação. (McDONALD, 2006, p. 118)

5.4 APAGAR FRONTEIRAS, DESTRUIR OS MUROS

O DAM fala, enfim, para além de uma coexistência, de uma convivência entre israelenses e palestinos, como ficou evidente na resposta de Tamer Nafar à pergunta sobre como via o conflito daqui a alguns anos. Ele me disse que deseja que a catástrofe (*Nakba*) do povo palestino seja reconhecida como uma das grandes catástrofes do mundo, para que as novas gerações nasçam sabendo disso, a fim de poderem superá-la e então uma nova vida poder ter início, uma vida comum entre israelenses e palestinos. Essa perspectiva aparece também na música *Mama, I'm in Love with a Jew* [‘Mamãe, me apaixonei por uma judia’], do álbum *Debka on The Moon*, de 2012. A letra retrata uma curiosa situação em que um palestino e uma judia ficam presos num elevador, e lá eles fletam mutuamente. Resumindo, a ideia, que é abordada metaforicamente na letra, é a de que ambas as pessoas (que representam seus povos) são bonitas de perto e que o amor entre elas é possível se forem retiradas as “lentes das Snipers”.

5.5 ESPAÇOS DO HABITAR

Quase em contraste com as observações sobre a “casa” de Gaston Bachelard (2008), a morada do sujeito palestino é temporária. Suas casas foram tomadas e até as casas nos campos de refugiados estão sob constante ameaça de demolição. As casas dessas pessoas foram ocupadas, e assim não são mais um local do habitar, um local de segurança e de integridade sentimental do sujeito.

A identidade dessas pessoas tenta ser apagada. Sua existência é negada. Elas não têm direito à terra, à casa, à infraestrutura, não têm direito ao estabelecimento em qualquer parte. Seu *status* frente ao mundo é o de *refugiados*, e, portanto, transitório, temporário, de “rápida circulação”. São pessoas fora do lugar, ou do não-lugar, como define Marc Augé (2012): “Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar” (AUGÉ, 2012, p. 73). O local de morada dos refugiados é o local do não-lugar, espaços temporários, à espera, ansiosos.

5.6 ESPAÇOS FÉRTEIS

Tratamos aqui de um espaço abstrato, numa outra dimensão que a do espaço físico e palpável, espaço onde o DAM propõe, através de sua própria existência e de seu trabalho, a mescla. Espaço onde as várias identidades sustentadas pelos indivíduos do grupo DAM

e pelo grupo que eles representam dançam a dança caótica que ultrapassa fronteiras políticas, nacionais, ideais, sociais e tantas mais. Aludindo à ideia da “pureza” como mito, o DAM é o retrato das misturas, das interações e influências entre as várias partes, e reconhece essa “múltipla existência”. É nos espaços distintos, não-identificáveis, mutantes, frutos híbridos, que as identidades se constroem, se mesclam, existem em esferas outras. Falamos aqui de espaços onde se dá a mistura, as “imprevisíveis metamorfoses” de Gruzinski (2001), as hibridações, os casamentos, trocas multilaterais. Espaços indefiníveis, que se esvaziam de lógica, que não contêm as referências tradicionais de uma ou outra parte, espaços que abrigam criações imagéticas outras, e espaços em novas dimensões que abrigam esses encontros de mescla.

A noção de espaço é explorada pelo físico indiano Fritjof Capra (1982), em sua célebre obra *O Ponto de Mutação*, que disserta sobre a existência *somente* do espaço, visto que a composição do átomo é basicamente um grande vazio, que constitui tudo o que há no mundo. Seria quase um paradoxo toda a existência se resumir a espaços, intangíveis, inexplicáveis, mas percebidos de alguma maneira, espaços por onde transitam energias de atração, de repelência, congruências, mas espaços onde dialogam somente essas energias, que fluem, não se estabelecem num local, num *locus* fixo. Em processos de hibridização, portanto, quando as coisas se tocam, podemos dizer que ocorre a mistura desses universos, criando novos micromundos, esferas que dançam em coexistência no espaço-macro, aquele que nos é visível.

Podemos dizer que os jovens do DAM conseguiram transformar o “destino” de desaparecimento e efemeridade próprios de seu lugar ao criar novos espaços, ao trabalhar com “o desaparecimento e deslocá-lo, utilizar o desaparecimento a fim de lidar com ele”, como coloca Gruzinski (2001, p. 317).

Por fim, nesses espaços mestiços, híbridos se dão os confrontos, as batalhas, as resistências, enfim, as danças de sobrevivência, que mesclam categorias, seres distintos, culturas, espaços vazios que explodem, férteis.

Diga ao motorista do tempo para me levar do Proibido

Deixar-me em Igualdade e eu andarei sozinho para a Paz

Não me diga que eles não estão na mesma pista

Há um lugar chamado Paz e sua capital é a Igualdade

(Sawa' Al Zaman – Driver of Fate, DAM)

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução: Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 2012.
- BIRMAN, Joel. “Apresentação”. In: SAID, Edward. **Freud e os Não-Europeus**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- BRAUDEL, Fernand. *Civiltà e imperi del Mediterraneo nell’età di Filippo II*. Vol. 48. G. Einaudi, 1965.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CLEMESHA, A. E. Uma educação para preservar a identidade. **Biblioteca Entre Livros**, São Paulo, p. 36-41, 01 mar. 2006. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/Indramaia/uma-educacao-para-preservar-a-identidade>>. Acesso em: 05 nov 2013.
- FANON, Frantz. *The wretched of the earth*. Tradução: Richard Philcox. Nova York: Groove Press, 2004.
- FEATHERSTONE, Mike. **Cultura global**: nacionalismo, globalização e modernidade. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *De outros espaços* (1967), *Heterotopias*. Dits et écrits. 1984, *Des espaces autres* (conferência no Cercle d’études architecturales, 14 de março 1967. *Architecture, Mouvement, Continuité*, n.5, p. 46-49 out. 1984.
- GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- McDONALD, David A. **Carrying words like weapons**: Hip-Hop and the poetics of palestinian identities in Israel. Tamer Nafar, interview by author, 8 jun. 2005. Disponível em: <http://www.biu.ac.il/HU/mu/min-ad/8-9-II/07_McDonald_Carrying-Words.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2013.
- MITCHELL, Tony (Org). **Global noise**: rap and hip hop outside the USA. Connecticut: Wesleyan University Press, 2002.
- ROSE, Tricia. **Black noise**: rap music and black culture in contemporary America. Connecticut: Wesleyan University Press, 1995.
- RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. **História da Historiografia**, n. 2, p. 163-209, mar. 2009.
- SAID, Edward W. **Freud e os Não-Europeus**. São Paulo: Boitempo, 2004.

**THE PALESTINIAN RAP GROUP
DAM: IDENTITIES AND SPACES
OF NON-PLACE**

Abstract: This essay discusses the conflicts in Historical Palestine, via analysis of the Palestinian rap produced by the group DAM, which is based in the city of Lyd, currently a territory ruled by Israel. The lyrics of the group were used as basis of the analysis, as well as an interview with rapper Tamer Nafar conducted in June 2013 by the author of the essay. Such materials were analysed from a textual perspective. The most recurrent themes in the lyrics of those rappers were surveyed in the research. The lyrics indicate, along with the hostilities committed by the State of Israel that militarily occupies the region since 1948, internal situations and problems of the Palestinian society. Finally, the analysis considers that the young DAM rappers inaugurate new spaces for dialogue, starting from their own unique and diverse existence as Palestinian-Israelis.

Keywords: Palestine. Palestinian Rap. DAM

**EL GRUPO DE RAP PALESTINO
DAM: IDENTIDADES Y ESPACIOS
DE NO-LUGAR**

Resumen: Este trabajo pretende contribuir a los estudios de los conflictos en la Palestina Histórica, a través de análisis del rap palestino producido por el grupo DAM, que se basa en la ciudad de Lyd, un territorio en la actualidad israelí. Como base del análisis, se utilizaron las letras del grupo, así como una entrevista con el rapero Tamer Nafar conducida en junio de 2013 por la autora deste trabajo. Tal sonido y materiales orales se analizaron desde el punto de vista textual. Los temas más recurrentes en las letras de los raperos fueron encuestados, y, junto con las hostilidades cometidas por el Estado de Israel, que ocupa militarmente la región desde 1948, las letras indican situaciones y problemas internos de la sociedad palestina. Los raperos del DAM declaman, así, sobre la violencia perpetrada en los espacios donde viven, marcada por múltiples identidades. Finalmente, el análisis considera que los jóvenes raperos del DAM inauguran nuevos espacios para el diálogo, a partir de su propia existencia única y diversa como palestino-israelíes.

Palabras Clave: Palestina. Rap palestino. DAM.

GAVAGAI.COM.BR

G A •
V A G
A I •

